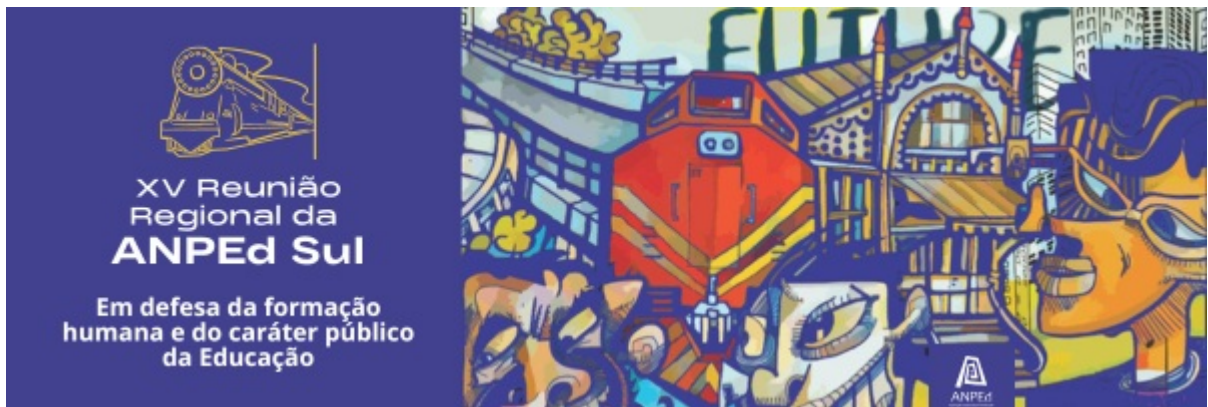




ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15597 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

O CONTO CONTEMPORÂNEO COMO POTÊNCIA PARA A HUMANIZAÇÃO PELA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Karina Feltes Alves - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Flavia Brocchetto Ramos - UCS - Universidade de Caxias do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES E IFRS

TÍTULO: O CONTO CONTEMPORÂNEO COMO POTÊNCIA PARA A HUMANIZAÇÃO PELA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

RESUMO: O estudo propõe identificar potencialidades da leitura do conto contemporâneo *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, para a formação humana, mapeando elementos da estrutura do texto literário, significativos para a promoção da educação estética, pela perspectiva de Schiller (1989), e da reação estética, a partir de Vigotski (1999). A análise do texto literário, uma forma de arte, tem pretensão de vislumbrar vivências psicológicas por ele objetivadas, contrastando forma (arranjo, composição) e conteúdo (material) em sua estrutura artística (Vigotski, 1999). Trata-se, portanto, de estudo que concebe o desenvolvimento humano pelo viés histórico-cultural e que lança luz sobre o universo cultural que forja representações sociais e que é retroalimentado por elas. A partir da análise do conto, é possível identificar elementos que inspiram contradições e sentimentos de oposição, em que a forma acaba superando e combatendo o conteúdo, como os elementos que potencializam a reação estética pelo leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Reação estética. Formação humana.

Este estudo é derivado de leituras, reflexões e discussões realizadas pelo Grupo de Pesquisa xxx-IES/CNPq, o qual concebe o texto literário como objeto artístico, portanto, potente para a educação estética e para a formação humana do sujeito. É por esta perspectiva que o vinculamos ao eixo temático *Educação e arte* desta XV Reunião Regional da ANPEd

Sul.

A base teórica vem de um distanciamento temporal significativo, apesar disso, não há como negar sua atualidade, especialmente, se considerarmos as razões, advindas de descontentamento com a natureza cindida do ser humano, que fizeram Friedrich Schiller, poeta, dramaturgo e filósofo alemão, usar a pena e deixar registradas em cartas (1794 e 1795) suas reflexões teóricas e críticas acerca da formação humana, pelo prisma da educação estética.

Para o filósofo, a harmonia dos impulsos sensível e formal só é alcançada pelo impulso lúdico, ou seja, quando o sujeito joga entre as capacidades sensíveis e racionais. Este impulso lúdico é possível pela via da educação estética, em que a arte é o objeto que faz mover o sujeito para seu estado de liberdade. É através do belo que o homem é recriado em todas as potencialidades e recupera a sua liberdade. É neste ponto que os escritos de Schiller nos importam: para pensar a educação na contemporaneidade por sua perspectiva de educação estética.

Paralelamente às contribuições de Schiller, chamamos ao diálogo os preceitos do educador, psicólogo e crítico literário Liev Semionovitch Vigotski, no que tange ao caráter dialético que se estabelece na relação leitor-obra, em que o leitor é uma entidade indispensável, alguém que reproduz, recria e revela a vida pela arte literária. Em sua obra *Psicologia da arte* (1999), Vigotski afirma que a “arte é o social em nós” (1999, p. 315), ou seja, o enfoque estético da arte deve ter fundamento psicossocial, isto é, deve combinar as vivências do ser humano em nível individual com a recepção do produto estético percebido como produto social e cultural.

Nesse movimento dialético do leitor com a obra literária é que o sujeito encontra espaço para o jogo com o texto, o jogo lúdico que Schiller refere como necessário para o homem encontrar a liberdade. E se “o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração” (Schiller, 1989, p. 47), como a arte literária, que passa pelo crivo da linguagem, tem se apresentado na contemporaneidade? Ela tem acionado o caminho da sensibilidade para chegar ao caminho do entendimento? Será que podemos identificar elementos fundantes da reação estética referidos por Vigotski (1999), a partir da leitura de conto contemporâneo? Será que esses fundamentos da reação estética frente à arte literária podem contribuir para suscitar o jogo com a obra?

Buscar responder a estes questionamentos é o que propomos neste estudo, e ao vivenciar a leitura do conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, publicado em 2016, em obra de mesmo nome, pretendemos sistematizar nossa análise como segue: a) identificando elementos potencializadores para a reação estética tomando como base o método de análise de Vigotski; e b) sinalizando potencialidades do conto como objeto estético, pela perspectiva da educação estética de Schiller.

Se o mundo nos chega pelos sentidos como nos anuncia Schiller, o mundo para nós,

leitores do conto *Olhos d'água*, nos chega como uma explosão ao tomarmos conhecimento da pergunta que faz a protagonista do conto acordar atordoada, uma vez que não se recorda da cor dos olhos de sua mãe. O choque da protagonista, por não lembrar da cor dos olhos de sua mãe, nos desacomoda, nos desestabiliza por tudo isso que os olhos (e junto a eles, seus olhares) representam para nós. Como que em uma ação involuntária, pensamos na cor dos olhos da *nossa* mãe. E como que em uma negociação justa com quem vive o sentimento de perplexidade – e até de ingratidão – por não recordar de algo que considera inegociável, embarcamos de mãos dadas em um mar de memórias que a protagonista nos convida a mergulhar. Estaríamos então, após sentirmos o mundo da não lembrança da protagonista, abrindo espaço para jogar com o texto? Ao passo que Schiller nos ensina que o mundo nos entra pelos sentidos e o objeto artístico é o caminho para harmonizar o sensível e o inteligível, Vigotski nos diz que “o objeto estético adquire seu caráter estético apenas através da percepção, da sensação e da fantasia do sujeito receptor” (1999, p. 9). E acrescenta que toda obra de arte é vista naturalmente como um sistema de estímulos, organizados consciente e deliberadamente com vistas a suscitar resposta estética. Ao analisarmos a estrutura dos estímulos, recriamos a estrutura da resposta (1999, p. 26).

É com esse olhar que assumimos uma perspectiva dialógica com o objeto artístico, o conto *Olhos d'água*, quando, ao jogar com o texto, vislumbramos, mais que *sentir* o texto, *tornar consciente* os elementos nele presentes que são provocadores de reação estética, e, portanto, potencializadores da educação estética, viabilizando a formação humana do sujeito. Essa perspectiva vai ao encontro do que Vigotski afirma acerca da análise da reação estética pela leitura desse gênero textual: “é preciso decifrar a fisiologia do conto partindo do sentido e da vida na totalidade do organismo” (1999, p. 199).

Tendo isso posto, voltamo-nos ao texto, obra artística literária, de modo a evidenciar elementos significativos para a reação estética.

A pergunta explosiva que abre a escrita do conto é seguida por uma série de memórias que nos vão sendo narradas, as quais são seguidas, como quem insiste com o não esquecimento sobre o esquecimento, sempre com a pergunta sobre a cor dos olhos da mãe da protagonista. “Eu me lembrava também de algumas histórias da infância da minha mãe. [...] Mas de que cor eram os olhos da minha mãe?”. O questionamento é insistente na narrativa, apesar de já ter sido revelado no título do conto. Já sabemos a cor dos olhos de sua mãe. Mas não se trata de uma revelação objetiva de uma cor, mas de um valor simbólico que os “olhos d'água” representam. A expressão usada como uma **alegoria** no texto, a qual não diz o que expressa em palavra, mas sugere algo que se assemelha, é um dos elementos identificados na leitura do conto. Outro aspecto está relacionado à **curva cronológica das ações** do conto, que estabelecem um ritmo à narrativa. A protagonista volta para a infância e busca em suas memórias vivências com sua mãe que estampam a página com a essência da vida ali forjada, e sempre volta ao presente como quem se olha no espelho agora e se cobra por uma resposta. Cria-se em sua anatomia narrativa um movimento em espiral em que sempre volta ao ponto zero, ao questionamento que se repete. Essas **digressões** dão o tom, o movimento não linear

da narrativa e representam a forma da narração, ou seja, a disposição do material segundo as leis da construção artística. A insistência em lembrar do não lembrado causa uma tensão angustiante para o leitor, ao mesmo tempo em que o movimento que nos conduz traz à tona uma série de lembranças tão fortes e tão contagiantes a ponto de colocar a pergunta que explodiu pela boca da protagonista no início da narrativa, como uma preocupação em segundo plano. Isso marca uma **contradição emocional**, outro elemento identificado, um choque de sentimentos contrários que, para Vigotski, representa a “admirável lei psicológica da novela (o conto)” (p. 199).

O **combate do conteúdo pela forma** fica evidente quando se revelam as memórias da protagonista:

Lembro que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam desabrochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. (Evaristo, 2016, p. 16)

“Da panela subia cheiro algum”; cozinhar o “desesperado desejo de alimento”, “salivar sonho de comida” – as constantes quebras de expectativas são ocasionadas pelo uso da linguagem. A personificação de elementos materiais como a água – que é solitária -, a panela – que é cheia de fome – provoca no leitor um verdadeiro “curto-circuito” de sentimentos que o fazem ter outro direcionamento de sua atenção. Já não é mais para o questionamento inicial da protagonista, mas para a realidade ali representada. Esse direcionamento faz com que o leitor se isole dos estímulos reais necessários à reação estética. São nesses momentos de jogo com o literário que o leitor assimila uma **nova ideia**, outro elemento identificado: ele reconfigura, ou melhor, ele *pode* reconfigurar e ressignificar o seu entendimento e sua ação frente ao mundo em que vive. Para Vigotski, trata-se de uma **transformação do universal** (já que a arte é uma construção social) **ao particular**.

A centralização da contradição na apreciação da obra de arte está expressa de forma contundente nas palavras de Vigotski, quando afirma que:

[...] na obra de arte há sempre certa contradição subjacente, certa incompatibilidade interna entre material e forma, de que o autor escolhe como que de propósito um material difícil e resistente, desse que resiste com suas propriedades a todos os empenos do autor no sentido de dizer o que quer (Vigotski, 1999, p. 199).

Essa **contradição e oposição de sentimentos** é expressa no texto quando a protagonista decide voltar a sua terra natal para buscar o rosto de sua mãe, fixar seu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. A protagonista, usando adjetivos que se opõem, nos anuncia que teria voltado “aflita”, porém “satisfeita”. O leitor, que acompanha a sua angustiante busca por respostas, incorre em perplexidade pelo paradoxo que é construído: aflição e satisfação. A repetição da pergunta: “Sabem o que eu vi? Sabem o que eu vi?” - como se a protagonista estivesse ali conosco, leitores, contando uma história, tão dela, mas já tão nossa - cria no leitor um clima de suspense, mas que pelo jogo com o texto ao qual nós

leitores nos permitimos, faz compreender a oposição de sentimentos recém-criada pela narrativa (aflição x satisfação). Tendo ela visto apenas “lágrimas e lágrimas” no semblante de sua mãe, a viu, no entanto, “sorrindo feliz”. Essa nova contradição de sentimentos provoca novas reações ao leitor, reforçadas por outras referências, a princípio contraditórias também: “minha mãe trazia *serenamente* em si *águas correntezas*. Por isso, *prantos e prantos* a *enfeitar* seu rosto.” E aí a revelação: “a cor dos olhos da minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum!”. Na sequência: Rios *calmos*, mas *profundo e enganoso* para quem contempla a vida apenas pela superfície.” Tira-se o véu da aparência da superfície e passamos a olhar ao que está sendo revelado. Quanto há nessas “lágrimas e lágrimas” que se misturam com as “lágrimas e lágrimas” da nossa protagonista? Isso nos remete à definição que Schiller faz sobre a beleza, estabelecendo relação de causa e efeito entre a sensação e a verdade (conhecimento). É pela beleza que reconfiguramos o sentido das lágrimas que correm nos semblantes de mãe e filha, e se misturam, explicando o efeito cíclico que encerra o texto, remetendo a um novo começo, a uma história que se repete, que carrega consigo as marcas histórico-sociais do sujeito, ao revelar, ao final do conto, o sussurro da filha da protagonista, como se “estivesse buscando ou encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo: - Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?”

A propósito do “sussurro”, observamos que a alternância dos tons de voz, do ritmo das palavras, suas repetições e de toda a estrutura do discurso empregada pela autora do conto inscrevem à leitura do texto uma melodia única responsável por um efeito emocional também único a nós leitores. O **sistema de respiração** definido pela organização da escrita narrativa é definidor de como sentimos o texto. Vigotski refere este aspecto ao afirmar que sentimos como respiramos a leitura do texto (1999, p. 198).

Defendemos, aqui, a leitura do literário como “[...]uma experiência artística tendo em vista que a literatura é arte e, como tal, é um produto humano.” (NEITZEL; RAMOS, 2022, p. 25). Pela vivência da leitura do conto *Olhos d’água*, podemos evidenciar que os elementos: alegoria; curva cronológica das ações (digressões), contradições emocionais; surgimento de nova ideia; transformação do universal em particular; sistema de respiração inscrito no discurso da narrativa, são elementos que emergem na análise feita da narrativa, e que ratificam a premissa de Vigotski acerca da reação estética do leitor frente a obra artística literária: de que a forma acaba por combater o conteúdo, luta com ele, supera-o, e que é nessa contradição entre forma e conteúdo que se abre espaço para a reação estética do leitor literário. Entendemos que colocar luz a estes elementos, ao realizar e/ou mediar a leitura de contos contemporâneos [tratando-o como arte que é] pode potencializar a abertura ao jogo lúdico que Schiller defende, e com ele abrir espaço cada vez mais fecundo para que tenhamos uma formação humanizada, por meio da educação estética.

Referências

EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional,

2016.

NEITZEL, Adair; RAMOS, Flávia. A leitura do literário como experiência estética e artística. In: *Estéticas dissidentes e educação* / Org. Mário de Faria Carvalho, Daniela Nery Bracchi, André Luiz dos S. Paiva. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Link:<
https://www.pimentacultural.com/_files/ugd/6f8845_892bc172b41c460cb9615533c59d81d1.pdf
Acesso em 13 jun 2024.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*: numa série de cartas. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki – São Paulo: Iluminuras, 1989.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.